



**DOCENTES DO
ENSINO
FUNDAMENTAL II
E MÉDIO**

INFORMAÇÕES E ATIVIDADES



O QUE É O CHEGA DE BULLYING?

Nesta apostila, docentes do ensino fundamental II e médio encontrarão informações, ferramentas e recursos para abordar o tema do *bullying*, além de propostas para abrir um espaço para reflexão e debate sobre a convivência escolar dentro de cada instituição.

Gestores, professores e coordenadores de escolas de ensino fundamental II e médio são fundamentais para entender como lidar com adolescentes em todos os tipos de situações na sala de aula, entre pares e entre grupos; os vínculos entre os adolescentes e docentes; e as situações extraescolares que alunos e alunas vivenciam e trazem para a escola. O tema é complexo e adultos e estudantes podem não saber como abordá-lo de maneira efetiva.

A convivência no contexto escolar é um tema que envolve todos e todas: docentes, estudantes, famílias, gestores e pessoal não docente da instituição. É importante que todos os envolvidos na experiência educativa reconheçam sua responsabilidade e façam efetiva sua participação para tornar a escola um espaço seguro e solidário. O trabalho e o compromisso para o

fortalecimento de uma cultura democrática na escola e a afirmação da igualdade de direitos são indispensáveis.

Para os jovens, a escola é o lugar mais importante de socialização, em uma idade na qual **o grupo e o “pertencer” têm especial relevância**. É um espaço privilegiado para passar aos jovens a noção do outro como semelhante e detentor de direitos, educá-los sobre como lidar com os conflitos e formá-los em valores democráticos e cidadania. É grande a responsabilidade dos adultos e adultas que acompanham os adolescentes nessa etapa, para guiá-los na direção de uma cultura democrática e de resolução pacífica dos conflitos.

A aprendizagem da convivência é um **processo progressivo**, que parte do reconhecimento de que **a tolerância e o respeito aumentam com a maturidade**, assim como as habilidades para entender e aceitar as regras. Na fase da adolescência, entra em jogo o aprendizado recebido até o momento e ainda há uma grande permeabilidade para interiorizar valores, modelos e formas de lidar com a vida. É uma oportunidade e um desafio trabalhar com adolescentes, conquistar sua atenção, compreender seus códigos, favorecer o diálogo e o debate de ideias com eles. Sem dúvida, é uma imensa contribuição para a sociedade por parte das escolas de ensino fundamental II e médio, e seus professores e professoras.

EDUCAR PARA UMA BOA CONVIVÊNCIA

Uma escola onde há diálogo, inclusão, espaço para a resolução de conflitos, e na qual as regras de convivência são acordadas com a participação dos e das estudantes, **vê uma redução considerável da violência e conflitos entre pares.**

Uma vez que no contexto escolar aparece uma diversidade significativa de conflitos, que podem resultar em problemas sérios, considera-se que os **enfoques preventivos** na escola constituem uma **via privilegiada para transformar essas situações de forma positiva e conseguir uma convivência escolar harmônica.** Isto é, um ambiente prazeroso para aprender e ensinar.

Uma escola que se interessa por sua comunidade deve trabalhar diariamente os conflitos emergentes. É preciso que possa vê-los, escutá-los, reconhecê-los e, sobretudo, dar-lhes espaço, abrir-lhes as portas. Negar os conflitos, ocultá-los ou ignorá-los não detém a violência; ao contrário, leva à sua potencialização, naturalização e legitimação.

Lidar com a violência e com os problemas que surgem dela implica assumir um desafio. Há de ser capaz de propor ferramentas que permitam considerar as situações sob várias perspectivas, como a época/tempo, as condições sociais e emocionais dos alunos e alunas, os vínculos familiares e o envolvimento na instituição escolar, seja entre pares ou adultos.

O QUE É **BULLYING?**

O *bullying* é **agredir ou humilhar** alguém de maneira repetida ao longo do tempo. Insultar, espalhar boatos, ferir física ou psicologicamente e ignorar alguém também são formas de *bullying* entre pares.

Pode ocorrer pelo celular, pessoalmente, por escrito, na escola, no bairro, em algum meio de transporte ou em outros espaços de convivência entre estudantes, como as redes sociais. Seja onde for, **o bullying não deve ser permitido, é inaceitável.**

O *bullying* é um problema que afeta milhões de crianças e adolescentes sem importar de onde são, nem de onde vêm. É um problema grave, principalmente nas escolas, e precisa ser resolvido o quanto antes.

Os que praticam bullying perseguem os meninos e meninas mais vulneráveis. Escolhem aqueles que são diferentes, porque não usam a roupa da moda, porque fazem parte de uma minoria social ou racial, porque estão em desenvolvimento e parecem ser desajeitados, porque estão acima do peso ou têm algum traço físico característico (como orelhas e nariz grandes), porque apresentam alguma deficiência, ou até mesmo porque são mais estudiosos ou muito tímidos. Os meninos e meninas que praticam *bullying* não precisam muito para se inspirar se têm a intenção de ferir, humilhar ou excluir alguém de seu círculo de amigos ou amigas. O *bullying* não afeta somente aqueles que são atacados, mas também causa dano às testemunhas próximas, especialmente se elas não sabem o que fazer a respeito.

Na maioria dos casos, o assediado ou a assediada permanece calado(a) ante o ataque a que está sendo submetido(a). Essa situação intimidadora produz angústia, dor e medo. Também existem aqueles que denunciam o maltrato e não são alvos passivos das agressões contínuas, mas, geralmente, a diferença de poder é tão acentuada que o(a) assediado(a) tem grande dificuldade para se defender ou reverter a situação que sofre.

O *bullying* se **sustenta ao longo do tempo**, ocorre com frequência e sempre existe a intenção de magoar ou humilhar. É uma violência gratuita que traz graves prejuízos, especialmente para as vítimas.

A LINGUAGEM QUE USAMOS

Nesta apostila, aplicamos a palavra “vítima” para descrever um(a) estudante que está sendo intimidado(a). Porém, não a usamos como uma condição em si, mas como um comportamento temporal. Essa palavra é de uso comum nas conversas cotidianas, nos meios de comunicação e, inclusive, para a lei. No entanto, ela não nos convence, já que frequentemente dá a ideia de passividade ou debilidade. Não é assim que vemos os meninos e meninas que são intimidados. Pelo contrário, são jovens ativos que defendem seus direitos e os dos demais, e que têm toda possibilidade de mudança. Da mesma maneira, usamos o termo “agressora(a)” para nos referir a um comportamento e não a uma condição permanente.

Sabemos que, às vezes, nossa linguagem e nossa forma de dizer as coisas discriminam, tornando as meninas, adolescentes e mulheres “invisíveis”. Portanto, em

muitos casos, usamos “meninos e meninas” em vez de apenas “crianças”, e “mães e pais” no lugar de “pais”. No entanto, preferimos não recorrer a formulações como “assediado(a)” ou “professor(a)” de forma frequente, porque, apesar de serem mais inclusivas, tornam a leitura mais difícil, especialmente para as crianças.

TODA AGRESSÃO É BULLYING?

É importante distinguir as situações de abuso que podemos enquadrar no *bullying* de outras manifestações agressivas esporádicas, que não são propriamente *bullying*, como as habituais “zoações”, as brincadeiras brutas, grosserias ou brigas que, muitas vezes, ocorrem entre colegas no âmbito escolar.

Deve-se observar que é frequente nas relações entre pares o surgimento de divergências que geram conflitos e maus-tratos entre eles e elas, sem que devam ser considerados situações de assédio propriamente dito. As brigas, os problemas entre colegas ou entre amigos, o uso de palavras ou vocabulário inapropriado são frequentes em todas as populações de crianças e adolescentes.

Outra distinção importante é a que ocorre em situações de **conflito intragrupal**, em que um ou mais estudantes se desafiam ou se enfrentam em lutas/brigas, a fim de resolver seus conflitos ou para estabelecer o poder de

uma pessoa sobre as demais ou de um grupo sobre outro. O que distingue essas situações do *bullying* é a igualdade de condições, físicas ou psicológicas, entre os grupos em disputa. **No assédio escolar ou *bullying*, há uma desigualdade entre o(s) assediador(es) e o(a) assediado(a), que não encontra uma maneira de se defender e se submete ao poder da outra parte.**

A intervenção docente e o trabalho contínuo da instituição, fundamentados em uma cultura de não violência, não discriminação e reconhecimento dos direitos de todos e todas, permitirão uma melhor resolução de cada um dos problemas de convivência habituais que surgem entre os adolescentes.

Para facilitar a distinção das situações de assédio daquelas que não são, listamos algumas características que devem estar presentes para que uma situação seja definida como *bullying*:

Intencionalidade na agressão, seja física, verbal ou virtual.

Desequilíbrio de poder entre o(a) intimidado(a) e o(a) agressor(a), em que o último é mais forte que o primeiro, seja a diferença real ou subjetiva, percebida por uma das partes ou por ambas. A desigualdade de poder pode ser física, psicológica ou social, gerando um desequilíbrio de forças nas relações interpessoais.

Repetição da agressão **ao longo do tempo** e de forma constante contra a mesma vítima e sem motivo algum.

TODOS E TODAS SÃO AFETADOS

O assédio escolar envolve uma série de consequências negativas, não somente para quem é assediado(a), mas também para o(a) assediador(a) e para as testemunhas do fato. No *bullying*, há três partes envolvidas. O agredido é a parte mais prejudicada do processo. Além dele, há as testemunhas e quem assedia, que são fundamentais para a compreensão do problema.

O(a) assediado(a): é o(a) adolescente vítima de comportamentos incômodos ou intimidação constante.

Muitas vezes, as crianças ou adolescentes alvos de *bullying* **não dispõem de recursos ou habilidades pessoais para reagir e se defender de maneira adequada.** Podem ser pouco sociáveis, sensíveis, vulneráveis e não reagir por vergonha, medo do agressor, conformismo ou baixa autoestima. Desse modo, são muito prejudicados pelas ameaças e agressões.

Outras vezes, as vítimas de *bullying* não apresentam essas características de personalidade, mas se convertem em alvo de zombarias **por serem diferentes:** por pertencer à determinada raça ou grupo socioeconômico, por ter alguma deficiência, por apresentar características físicas não valorizadas ou rejeitadas pela sociedade, como a obesidade, o uso de óculos ou de aparelhos ortodônticos. O *bullying* também pode estar baseado nas diferenças de gênero ou até

mesmo na competência acadêmica acima da média da sala de aula. Nos ensinos fundamental e médio, também há casos de *bullying* por preferência ou orientação sexual, seja ela real ou percebida.

Os atos de perseguição ou intimidação são extremamente traumáticos para aqueles e aquelas que são vítimas, especialmente porque **a agressão provém do grupo de pares**. A desigualdade de poder entre o(a) agredido(a) e os agressores é tão acentuada que quem sofre o assédio não pode e nem sabe como se defender. O maltrato se transforma em um sofrimento habitual e a vítima não encontra saída para a situação, sentindo-se sozinha e desamparada.

É comum que os(as) assediados(as) apresentem sinais de:

- ▲ Baixa autoestima ou autoimagem negativa.
- ▲ Queda no rendimento acadêmico.
- ▲ Sentimentos de medo.
- ▲ Fobia e absenteísmo escolar.
- ▲ Pesadelos e insônia.
- ▲ Depressão e ansiedade.
- ▲ Desconfiança nas relações sociais e na resolução pacífica dos conflitos.
- ▲ Desconfiança dos adultos por sua intervenção inadequada.
- ▲ Sentimento de vingança.
- ▲ Naturalização do ato de ser agredido, humilhado, desvalorizado, discriminado.
- ▲ Impotência diante da falta de ajuda e respostas.
- ▲ Em casos raros e extremos, também pode haver tentativas de suicídio.

As testemunhas: são os(as) colegas que fazem parte do grupo em que se desenvolve o assédio. Não participam diretamente do *bullying*, mas observam e, às vezes, **atuam passivamente, porque respondem com um silêncio complacente**. Em algumas situações, atuam adequadamente e querem parar a agressão, mas muitas vezes não sabem o que fazer nem a quem pedir ajuda. As testemunhas também podem chegar a participar das agressões.

Esse grupo pode sofrer consequências como:

- ▲ Sentir medo de que o mesmo aconteça a eles.
- ▲ Não querer ir à escola.
- ▲ Ter o rendimento escolar afetado.
- ▲ Adquirir aprendizagem deficiente sobre como se comportar diante de situações injustas.
- ▲ Ficar exposto a modelos inadequados de atuação.
- ▲ Naturalizar o sofrimento, a discriminação, a desvalorização de outras pessoas.
- ▲ Desconfiar dos adultos por sua intervenção inadequada.
- ▲ Sentir culpa por não encontrar a maneira correta de lidar com a situação.

O(a) assediador(a): é quem deliberadamente usa a força ou o poder para assediar alguém, normalmente sob o olhar dos demais colegas. Ser observado faz com que se sinta poderoso diante dos outros, mas ele ou ela toma o cuidado de esconder seu comportamento na frente dos docentes e demais adultos. Esse tipo de conduta pode refletir necessidades afetivas, conflitos familiares ou problemas não resolvidos adequadamente. Na verdade, não há uma razão específica para que um(a) adolescente atue como agressor(a).

As consequências para o(a) agressor(a) podem incluir:

- ▶ Aprender a obter o que quer de forma distorcida.
- ▶ Ter o rendimento acadêmico afetado ou se ausentar da escola.
- ▶ Adquirir atitudes precursoras de uma futura conduta delituosa.
- ▶ Alcançar o reconhecimento social e *status* dentro do grupo com base no poder e violência.
- ▶ Transferir as mesmas condutas para outros contextos.
- ▶ Naturalizar as atitudes violentas e discriminatórias de desvalorização dos outros.
- ▶ Aprofundar problemas afetivos ou sociais não resolvidos adequadamente.
- ▶ Não compreender seus próprios problemas. Ao ser rotulado como violento ou agressor, pode ser mais difícil pedir e receber ajuda para resolver situações familiares ou sociais.
- ▶ Sofrer sanções disciplinares por parte da escola, de suas famílias ou até mesmo rejeição de seus colegas.

“As crianças e adolescentes de ambos os sexos podem mostrar comportamentos agressivos por várias razões. Às vezes, perseguem ou intimidam alguém porque **precisam de uma vítima** para se sentirem mais importantes, populares ou no controle do grupo. Podem escolher alguém que pareça mais fraco emocional ou fisicamente, que tenha um aspecto diferente ou aja de maneira diferente. Embora em certos casos os que se comportam de maneira agressiva sejam maiores ou mais fortes que suas vítimas, nem sempre é assim. Às vezes, os responsáveis por atormentar os outros o fazem **porque eles mesmos**

foram tratados dessa maneira ou vivem em um ambiente onde existe discriminação. Possivelmente pensam que seu comportamento é normal, porque provêm de famílias ou de outros ambientes nos quais geralmente as pessoas demonstram raiva, gritam, se insultam ou se desvalorizam. Em suma, ambientes onde as emoções não se expressam de maneira construtiva ou são reprimidas. Em todo caso, não se pode esquecer que, **seja qual for a razão, não se justifica o assédio de um estudante contra outro. Trata-se de compreender para saber como atuar.**¹

¹ Tradução livre do original em espanhol: Rodríguez, Nora. *Stop Bullying. Las mejores estrategias para prevenir y frenar el acoso escolar*. Barcelona, Editorial RBA, 2006.

O BULLYING ENTRE MENINOS E MENINAS É DIFERENTE?

O *bullying* afeta meninos e meninas, mas é importante levar em consideração que as formas de *bullying* são muitas vezes diferentes. Segundo estudos, as meninas são mais propensas a agressões verbais, enquanto os meninos são mais inclinados às agressões físicas. Além disso, as jovens são muitas vezes perseguidas e intimidadas pela divulgação de boatos ou se convertem em alvos de comentários ou agressões sexuais. Todas essas formas de violência são prejudiciais e podem fazer parte do *bullying*.

E O QUE É O **CYBERBULLYING?**

O **cyberbullying** se produz quando a agressão e a intimidação a um(a) colega ocorrem **por meio do uso da tecnologia e da Web** (computadores, celulares e outros dispositivos eletrônicos).

Como se produz? Pode ser com mensagens de texto cruéis, divulgação de falsos boatos ou mentiras por e-mail ou nas redes sociais, publicação de vídeos constrangedores para o assediado e criação de perfis falsos nas redes sociais ou sites destinados a zombar de alguém.

O **cyberbullying** se expande viralmente pela Web e pode humilhar de uma maneira muito difícil de ser detida. Por isso, é muito invasivo e danoso. As mensagens e as imagens podem ser enviadas pelo(a) agressor(a) a qualquer momento do dia e de qualquer lugar, inclusive anonimamente, e podem ser compartilhadas com muita gente. Dessa maneira, a vítima fica exposta a receber agressões o tempo todo, mesmo estando em sua própria casa. Além disso, as agressões permanecem na Internet durante muito tempo, podendo afetar o(a) adolescente em longo prazo.

QUE TRABALHO PREVENTIVO PODEMOS FAZER NA SALA DE AULA?

Esta seção recomenda que os docentes trabalhem com os alunos e alunas no desenvolvimento de **valores de convivência e ambientes escolares cooperativos**, nos quais os conflitos possam ser tratados e resolvidos de forma construtiva. Afinal, não se trata somente de pôr a violência no centro do debate, mas também de aprender novas formas de convivência para o exercício de uma cidadania responsável em um ambiente escolar democrático, inclusivo e equitativo.

Dessa maneira, haverá várias oportunidades de **transformar situações negativas em outras positivas e favorecer uma convivência escolar harmônica**, que fará da escola um ambiente confortável para aprender e ensinar.

Se o *bullying* é detectado desde o início, os docentes, pais e mães podem intervir a tempo e deter rapidamente os episódios de violência. Por outro lado, se o assédio é de longa duração, desarticular o problema levará mais tempo.

A intervenção em sala de aula é efetiva, porque inclui todos os estudantes, muitos dos quais são **testemunhas** de condutas de assédio ou intimidação. Tratar o grupo como um todo cria a sensação de uma comunidade educativa integral, na qual todos são responsáveis pelos seus atos e pela prevenção de comportamentos de perseguição e intimidação.

É importante que a direção da escola e os professores avaliem e compartilhem essa iniciativa a partir do mesmo enfoque, não rígido, e que a condução esteja sob a responsabilidade de um grupo de docentes. Assim, eles podem se revezar para realizar as assembleias, já que possivelmente essas reuniões tomem tempo de aula. **É fundamental dedicar horas ao trabalho específico dos temas de convivência.**

Algumas propostas a se considerar para a prevenção do bullying na escola e na sala de aula:

- **Organize reuniões ou assembleias.** Os intercâmbios ou assembleias na sala de aula, programados em função das necessidades do grupo e das possibilidades institucionais, podem ajudar a reduzir os atos de perseguição e intimidação a partir de reflexões sobre os conflitos grupais e as relações entre os estudantes. Esses encontros participativos favorecem um clima positivo para a aprendizagem e para as relações sociais. Também facilitam a identificação e a intervenção do professor em situações de conflito que poderiam interferir na aprendizagem e no desenvolvimento individual e grupal dos estudantes. Essas reuniões podem consistir em debates guiados pelos estudantes ou docentes. Tratar o grupo como um todo cria a sensação de comunidade, na qual todos se tornam responsáveis por suas condutas, e gera também laços solidários e atitudes de empatia.

- **Inclua debates sobre a prevenção em diversas disciplinas.** Os conteúdos específicos sobre *bullying* incluem temas como: definição e tipos de atos de perseguição e intimidação; seus efeitos e motivações; pontos nevrálgicos onde essas situações são mais propensas a ocorrer; papéis dos participantes (incluindo as testemunhas); regras e políticas escolares sobre o tema; estratégias de intervenção com o grupo; os direitos, a discriminação e a visão crítica sobre os estereótipos ou modelos nos meios de comunicação.

- Use literatura, vídeos e filmes para debater sobre as respostas de um personagem aos atos de perseguição e intimidação ou as dificuldades das relações entre pares. Enfatize as respostas e decisões que adotaram.

- **Valorize o trabalho em grupo.** Estructure cada projeto grupal para ajudar os estudantes a se conhecerem melhor, defina diretrizes para trabalhar eficazmente em grupo e estabeleça contingências para a possibilidade de ter que lidar com conflitos. Atribua papéis que aproveitem ao máximo os diversos talentos individuais, em vez de reforçar as hierarquias sociais.

- Introduza **temas para debate** que não ponham o olhar neles mesmos, mas que reflitam problemáticas próprias da época, da adolescência ou da convivência. Alguns tópicos possíveis: Como a diversidade de gênero, etnia, deficiências, situação socioeconômica e outros fatores afetam o modo pelo qual diferentes grupos são tratados dentro de diferentes sociedades? Quais os desafios de ser adolescente ou pré-adolescente nos dias atuais? Como se compara a experiência da juventude de hoje com a de outras gerações?

Que políticas os sites de redes sociais possuem sobre o *cyberbullying* e que condutas ultrapassam os limites dos atos legais? Como essas políticas afetam os direitos constitucionais dos usuários?

O que é melhor no final das contas: “ser popular” ou “ser uma boa pessoa”?

Quais são as qualidades pessoais necessárias para ter êxito no trabalho e nas relações sociais?

Como os estereótipos divulgados pela mídia influenciam a questão do gênero ou da importância da aparência e as atitudes dos estudantes em relação aos colegas?

Como as nossas opiniões mudaram ao longo do tempo sobre o papel da mulher, das pessoas de outras raças e de outras religiões? Pedir ajuda a um adulto é ser dedo-duro?

Como podemos ajudar a vítima sem nos convertermos nos próximos assediados?

- Incentive os estudantes a organizar **campanhas de conscientização e prevenção** ao *bullying* na escola. Para isso, terão que se informar, refletir sobre o tema e elaborar mensagens para alcançar toda a sua comunidade. Algumas atividades possíveis: confecção de cartazes ou pôsteres; concursos de fotografia ou vídeo; mostras de arte; palestras para as crianças menores da escola (inclusive para o ensino infantil e fundamental I, se houver); publicações para o *blog* da escola ou criação de um destinado a tratar especificamente o problema do *bullying*; campanhas para ganhar seguidores e ativistas para a causa nas redes sociais, entre outras.

- Convença toda a escola a assumir um compromisso de prevenção ao *bullying*, que pode se tornar uma das principais iniciativas dos alunos e alunas. Um exemplo é a campanha **CHEGA DE BULLYING** <http://chegadebullying.com.br>.

- Outro tema de trabalho em sala de aula poderá ser o uso responsável das novas tecnologias de informação e comunicação (TIC), abordando tópicos como o *cyberbullying* e a cidadania digital. Além disso, poderão utilizar as novas tecnologias para se informar sobre o assunto e participar de propostas de divulgação do tema.

- Promova a formação de um **comitê de convivência** em sua escola, composto por docentes, gestores, estudantes, pais e mães, que possibilite decidir maneiras de atuar em situações de *bullying* na instituição e onde se possam promover ações preventivas, levando em consideração a diversidade de vozes e opiniões na comunidade educativa.

- **Valorize a diversidade.** As escolas devem promover a valorização da diversidade e reconhecer todos e todas, não só os que se sobressaíam nos esportes, nas artes ou os estudantes mais destacados. Não se deve promover e premiar somente uma maneira de ser e de agir. Todos os meninos e meninas têm valor e devem ser reconhecidos por suas qualidades particulares.

COMO INTERVIR QUANDO O BULLYING OCORRE?

Cabe a cada escola decidir como agir quando se detecta uma situação de *bullying*. **A intervenção é o primeiro passo para proteger a vítima.** O docente deve saber que existe uma grande diferença entre deter o *bullying* quando está no início e enfrentá-lo quando já instalado. A atuação do docente deve ser justa e coerente. Sempre é melhor intervir, mesmo quando não está claro que a intimidação ocorre.

A seguir, algumas orientações práticas para deter o *bullying*:

- **Se presenciar uma situação de assédio, imediatamente detenha a agressão.** Coloque-se entre quem persegue ou intimida e quem está sendo intimidado(a). De preferência, procure bloquear o contato visual entre eles ou elas. Não afaste nenhum estudante – especialmente as testemunhas. Não pergunte de imediato nem discuta sobre o motivo da agressão ou trate de averiguar os fatos.

- Uma vez interrompido o assédio, **converse sobre as consequências negativas de perseguir ou intimidar** e sobre as **regras de convivência da escola**. Use um tom natural para se referir aos comportamentos que você viu/ouviu. Deixe claro para os estudantes que incomodar ou intimidar é inaceitável e vai contra as regras da escola. Faça-os refletir sobre sua atitude e reconhecer o dano que provocam.

- **Apoie o estudante que foi intimidado** para que se sinta seguro e a salvo de represálias. Ajude-o a encontrar maneiras de pedir que não o persigam e a buscar ajuda. Informe o acontecido aos demais docentes.

- **Inclua as testemunhas nas conversas e dê orientação** sobre como poderiam intervir corretamente ou pedir ajuda da próxima vez. Não peça às testemunhas que expliquem publicamente o que observaram.

- O trabalho com o grupo deve tratar de desmitificar aqueles que exercem seu poder mediante a violência. Deve-se abrir o problema para discussão entre todos e todas estudantes da sala de aula, a fim de encontrar uma **solução que os envolva e comprometa**.

- Dependendo da gravidade do problema, a escola **participará aos pais e mães** dos envolvidos.

- O tema também pode ser tratado em reuniões de pais e mães, o que gerará conscientização sobre o *bullying* e aproximará as famílias da escola. É muito importante envolver os pais e mães, eles devem sentir que a escola cuida de seus filhos e filhas, que escuta seus problemas e colabora com a família na educação e formação de valores.

- Avalie junto com a direção a possibilidade de

sugerir aos pais e mães, tanto do(a) agredido(a) quanto do(a) agressor(a), que busquem orientação psicológica, se houver mudanças significativas em seus comportamentos.

- Quando apropriado, **a escola deverá impor consequências** para os que perseguem ou intimidam, **segundo as regras de convivência escolar**. Não se exigirá que se desculpem ou façam as pazes no calor do momento, todos deverão ter tempo para “acalmar os ânimos”. Todas as consequências deverão ser lógicas e relacionadas à ofensa. É fundamental que sejam justas e estejam direcionadas a compreender e ajudar quem sofre e quem pratica o *bullying*. Pergunte aos agressores sobre seu comportamento e ofereça ajuda para mudar as condutas nocivas. Certas medidas punitivas, como suspensões ou expulsões, tendem a ser contraproducentes, porque fazem com que os jovens fiquem calados e não ajudam a trabalhar as causas psicossociais que motivam o comportamento dos que perseguem e dos que são perseguidos.

- O docente deve acompanhar não somente o(a) adolescente agredido(a), mas também os estudantes agressores. Todas as partes devem sentir que o docente está ciente da situação para garantir que a violência não aconteça novamente.

É um grande erro intervir apenas quando há um conflito ou um processo de *bullying*. A prevenção deve fazer parte do programa escolar. As estratégias de prevenção devem ser destinadas a promover habilidades emocionais e comunicativas para que os alunos e as alunas aprendam a evitar conflitos e a afrontá-los de maneira não violenta.

AS REUNIÕES DE PAIS E MÃES SÃO NECESSÁRIAS POR CAUSA DO TEMA?

Não raramente, a escola acusa algumas famílias de não darem noções adequadas de socialização às crianças, baseadas em princípios e valores que assegurem sua capacidade de conviver respeitando os demais. Por sua parte, as famílias se queixam que os docentes e demais autoridades escolares são incompetentes para atender de maneira adequada às necessidades e os problemas dos estudantes. Essas premissas não somente não resolvem o problema como também impossibilitam a busca de soluções. Escolas e famílias devem formar uma aliança em prol das crianças e adolescentes para acompanhá-los e apoiá-los no seu desenvolvimento. **Por isso, as reuniões de pais e mães devem procurar envolver as famílias no problema, comprometê-las na prevenção e chegar a acordos entre escola e família.**

O planejamento de cada reunião dependerá do seu objetivo: informar sobre a temática, sensibilizar e refletir, comunicar normas ou estratégias que a instituição implementará, comprometer os pais na busca conjunta de soluções para um problema específico. Poderá haver a projeção de filmes para discussão, a análise de assuntos da atualidade, a participação de um especialista (psicólogo, pedagogo, etc.), jogos cooperativos para que os pais e mães se conheçam e se familiarizem com a instituição, ou atividades vinculadas a trabalhar o tema da comunicação (escola-família, as famílias entre si, crianças-adultos).

ATIVIDADES PARA A SALA DE AULA:

Todas as atividades propostas podem ser realizadas com diferentes grupos de idade. Ajustes deverão ser feitos de acordo com o nível de aprofundamento que se deseje alcançar em cada caso.

ATIVIDADE	FOTOS QUE FALAM
Objetivos	Que os alunos e alunas possam: <ul style="list-style-type: none">• Refletir sobre situações de perseguição ou intimidação.• Trabalhar em grupo.• Manifestar seus sentimentos em relação ao problema usando imagens para se comunicar.

Desenvolvimento

O docente pedirá aos alunos e às alunas que leiam a definição de **bullying** que está em suas apostilas e os estimulará a pensar em exemplos desse tipo de situações. Em seguida, eles se dividirão em pequenos grupos e o docente **proporá que tirem uma fotografia que represente alguma característica do bullying** e expresse um ponto de vista, usando para isso seus celulares ou câmeras digitais. É importante que o docente trabalhe com os estudantes sobre o poder de comunicação que as imagens têm, que enfatize a possibilidade de **transmitir uma mensagem por meio de uma fotografia**.

Uma vez planejada a composição da foto, poderão tirá-la e, se necessário, retocá-la com algum programa de edição.

Em um primeiro instante, compartilharão as fotos com seus colegas e cada grupo vai ouvir o que essa imagem gera nos demais. Depois, poderão montar uma **exposição** para o resto da comunidade, divulgá-las em um *blog*, uma rede social, etc. Cada grupo poderá decidir se complementa a fotografia com um texto. Se decidirem pôr as fotos produzidas na Internet é importante proteger a identidade dos estudantes. Convém esclarecer que as fotos foram concebidas e produzidas como parte de um projeto escolar e que, portanto, são atuadas e posadas, tendo como objetivo contribuir para que as situações retratadas não aconteçam mais.

Algumas sugestões de perguntas para analisar as fotos:

- Que tipo de abuso ou intimidação se vê na fotografia?
- Quem recebe a agressão? Pode-se deduzir por que está sendo agredido?
- Aparecem elementos discriminatórios no ato de intimidação que a fotografia retrata? Quais?
- Quem está envolvido na situação?
- Como agem as testemunhas?
- Como se poderia intervir para deter a situação de assédio?

ATIVIDADE	ATORES EM CENA
Objetivos	<p>Que alunos e alunas possam:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Identificar situações que podem causar problemas para a convivência escolar. • Questionar as maneiras de agir do próprio grupo. • Buscar novas formas de reagir ou agir perante situações de <i>bullying</i>.

Desenvolvimento

A técnica do **role-playing**, também chamada de **dramatização ou simulação**, consiste em que duas ou mais pessoas representem uma situação ou caso concreto da vida real. Todos os participantes atuam segundo o papel atribuído a eles para tornar a representação mais real e autêntica.

Para desenvolver a técnica, os participantes podem ser convidados ou escolhidos, sempre respeitando o desejo dos estudantes de querer participar da dramatização ou não. A cada estudante será atribuído um papel que somente ele ou ela conhecerá, mas os demais colegas não. Enquanto o docente distribui os papéis, os estudantes que participarão da cena poderão começar a compor seus personagens.

Os estudantes que não participarem da representação serão **espectadores**. É importante esclarecer que não poderão intervir até o fim da simulação.

SITUAÇÃO 1

Os estudantes saem da sala de aula para ir ao refeitório da escola.

PERSONAGENS

Júlia: é uma jovem tímida e boa estudante. Aproveita o horário do intervalo para fazer a tarefa, já que, quando chega em casa, tem outras atividades e não tem tempo de fazê-la.

Paula: é muito amiga do Mateus e namorada do Rafael. Tem muitos amigos. Júlia não é sua amiga, mas não tem problemas com ela. Se conhecem desde pequenas, porque moram no mesmo quarteirão e brincavam quando crianças.

Rafael e Mateus: incomodam e intimidam Júlia sempre que têm oportunidade. Põem apelidos, pegam suas coisas ou a importunam. São reconhecidos e respeitados por seus colegas. Rafael é o namorado de Paula.

SITUAÇÃO 2

Os estudantes estão na sala de aula. O professor pede que formem grupos de trabalho para realização de um projeto acadêmico.

PERSONAGENS

Luís: é novo na escola e ainda não fez amigos no grupo. Sua família é imigrante.

Eduardo: tem atitudes discriminatórias em relação a estudantes imigrantes e demonstra abertamente seu desprezo por Luís.

Daniel: é amigo de Eduardo. Quando está sozinho, não zomba de Luís nem o maltrata. Porém, quando está com Eduardo, se junta às agressões e inclusive as inicia.

Helena: é imigrante como Luís. Apesar de ter tido dificuldades para fazer parte do grupo, agora já tem muitas amigas. Os únicos que ainda a incomodam são Eduardo e Daniel.

Andrea: é boa aluna e geralmente não tem conflitos com outros estudantes. Faz parte do grupo de amigos de Eduardo e Daniel.

Tiago: é amigo de Eduardo, Daniel e Andrea. Não costuma perturbar os outros estudantes e não participa quando seus amigos o fazem.

Professor

Os(as) intérpretes iniciarão e **desenvolverão a cena com a maior naturalidade possível**. Viverão seus personagens com espontaneidade, mas sem perder de vista a objetividade, indispensável para reproduzir a situação tal como foi definida.

O docente fará a interrupção quando considerar que conseguiu informação e material ilustrativo suficientes para proceder à discussão do problema, que é o objetivo da representação. Por isso, não é necessário chegar a um “fim” como nas obras teatrais. Bastará que a encenação seja significativa para facilitar a compreensão da situação proposta.

Em seguida, será realizada a **discussão da representação, dirigida pelo docente**. Primeiramente, todo o grupo exporá suas impressões, fará perguntas aos intérpretes, discutirá o desenvolvimento, proporá outras formas de reproduzir a cena, sugerirá diferentes reações, etc.

Depois, será permitido aos intérpretes dar suas impressões, explicar seu desempenho, descrever seu estado de espírito durante a ação e dizer o que sentiram ao interpretar o papel. Assim, o problema básico será analisado a partir de uma “realidade” concreta, na qual todos e todas participam, seja como atores e atrizes ou espectadores. **Em certos casos, convém repetir a cena de acordo com as críticas, sugestões ou novos enfoques propostos**. Por exemplo, se Paula não interveio na situação de assédio e isso é questionado pelos colegas, a cena poderá ser repetida, com a condição de que Paula agora reaja e defenda Júlia. Também podem optar por usar novos atores para representar os personagens. Finalmente, se tiram as conclusões sobre o problema em discussão e se tomam notas sobre os acordos alcançados.

A **etapa da discussão** é a mais importante do *role-playing*. A encenação pode ser a mais atrativa, ao motivar o grupo, fornecer dados específicos, situações “palpáveis” significativas, para introduzi-los emocionalmente no centro do problema em debate. Mas deve-se disponibilizar o tempo que for necessário para a etapa da discussão, que deve ter, no mínimo, **meia hora**.

Algumas perguntas para analisar as situações dramatizadas:

- Quem intervém na situação?
Que papel cada um desempenha?
- Que tipos de atos de assédio foram dramatizados?
- Como se sentiu quem foi agredido?

- Que sentimentos podem ter vivido os agressores? O que poderia ter motivado seus comportamentos?
- Como se sentiram as testemunhas?
- Como é possível ajudar todos na situação dramatizada?
- Você acha que algum dos participantes poderia ter agido de forma diferente?

ATIVIDADE	HORA DO JORNAL
Objetivos	<p>Que os alunos e alunas possam:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Caracterizar o <i>bullying</i>. • Adotar posições em relação às práticas de assédio escolar. • Analisar as perspectivas dos participantes nessa situação.
Desenvolvimento	
<p>Esta atividade retoma a modalidade de role-playing representada na proposta ATORES EM CENA. O docente apresentará recortes de jornais com notícias relacionadas ao <i>bullying</i> ou solicitará previamente que os alunos mesmos façam sua pesquisa.</p> <p>Em pequenos grupos, os alunos e alunas lerão as notícias e tirarão algumas conclusões sobre a forma de atuar dos protagonistas, a intervenção dos adultos, as consequências para os(as) envolvidos(as), etc.</p> <p>Os jovens se dividirão em dois grupos. Um representará a equipe de jornalistas; o outro, os entrevistados. O objetivo é representar um programa de TV usando a técnica da dramatização.</p> <p>É importante que o docente considere que, muitas vezes, os meios de comunicação tratam o tema de ma-</p>	

neira sensacionalista, relatando apenas os casos mais extremos e chocantes. Portanto, esta atividade servirá para analisar como a mídia trata o assunto, de maneira crítica, junto com os alunos e alunas.

OS JORNALISTAS

O **grupo de jornalistas** deverá se dividir nos seguintes papéis:

- Um ou dois estudantes serão os apresentadores que abordarão o tema no programa. Os outros estudantes serão os **entrevistados**. Algumas possíveis perguntas para os entrevistados: você já viveu alguma situação ou conhece algum caso em que uma pessoa se sentiu intimidada ou agredida por outra ou por um grupo? O que faz você pensar que se trata de *bullying*? Quais consequências você acha que essa situação traz para quem agride, para a vítima e para aqueles que assistem?
- O outro grupo de jornalistas deverá **registrar por escrito** as respostas dos entrevistados.

OS ENTREVISTADOS

O **grupo de entrevistados** terá que atribuir diferentes papéis aos diversos integrantes da equipe de trabalho - alguns desempenharão o papel de vítimas ou testemunhas de *bullying*, outros podem representar os agressores.

É importante notar que os entrevistados poderão compartilhar não apenas experiências pessoais, mas também aquelas vividas por outras pessoas que conhecem, com os amigos e amigas, colegas de escola, familiares, etc. Também podem inventar situações ou contar algum caso publicado pela mídia.

CONCLUSÃO

Para concluir a atividade, os jornalistas lerão suas anotações e conclusões. Em seguida, será pedido ao grupo que escreva **um artigo de opinião para o mural, jornal ou blog da escola, para enviar a um jornal ou para publicar nas redes sociais.**

RESUMO

- O *bullying* é um problema que afeta milhões de estudantes em todo o mundo e prejudica todos os envolvidos: os que são perseguidos ou intimidados, os que intimidam e aqueles que presenciam as situações de assédio e que muitas vezes não sabem o que fazer. O *bullying* é inaceitável.
- Todos e todas somos responsáveis. É possível agir diante do problema fazendo uma parceria entre escola e família para cuidar, proteger e criar ferramentas para prevenir e deter o assédio entre pares.
- Os problemas entre pares devem fazer parte do trabalho de convivência em sala de aula, uma vez que é um conteúdo transversal a toda disciplina formal. Assim, haverá várias oportunidades de transformar situações negativas em positivas, incentivar a convivência escolar harmônica e criar um ambiente favorável para aprender e ensinar.
- Estabelecer uma comissão ou comitê de convivência participativo, composto por todos os membros da escola, estudantes e suas famílias, ajuda a implementar ações consensuais, atuar de maneira coerente no interior da instituição e envolver a comunidade no problema. A comissão será encarregada de redigir o **código de convivência** da escola. O *bullying* deve

estar previsto no código, para que a escola conte com regras e limites no momento de detê-lo.

- Abrir o diálogo é uma ferramenta fundamental dos adultos e adultas para acompanhar e guiar as crianças e adolescentes nas relações baseadas no respeito pelo outro e na valorização das diferenças. Escutar nossos alunos e alunas e acompanhá-los na busca de soluções está em nossas mãos e nos permitirá deter o *bullying*.

COMPROMISSO CHEGA DE BULLYING PARA ADULTOS

Para assinar este compromisso online, acesse chegadebullying.com.br

A campanha **CHEGA DE BULLYING** propõe que você assine este compromisso de prevenção ao *bullying*. Leve-o à sua escola para que outros docentes também assinem e colaborem para o fim do *bullying* no ambiente escolar. Convencer toda a comunidade escolar a assumir o compromisso significa ser “Escola 100% Comprometida” e merecedora de um reconhecimento por parte do Cartoon Network e dos demais parceiros desta campanha.

O *bullying* não é “brincadeira de criança”. Ele pode ter consequências prejudiciais para elas, suas famílias e a comunidade. Como adulto, sei que posso ajudar de várias formas. Aqui está o meu compromisso:

Não ficarei calado. Reconheço que, como adulto, sou responsável e devo assumir uma posição em relação ao problema, mesmo antes de ele atingir meus familiares e amigos. Vou mostrar a todos que



**CHEGA DE
BULLYING**

**NÃO
FIQUE
CALADO**

CHEGADEBULLYING.COM.BR



Coordenação de conteúdo: Plan Internacional e Cartoon Network